6

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora mestre Jou, 1970.

AGOSTINHO. “Como aprendi a falar” em **Confissões**. São Paulo: Nova Cultura, edição Os Pensadores, 2000.

ANÔNIMO. **A Epopéia de Gilgamesh**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

_____. **Sobre a Linguagem em Geral e sobre a Linguagem Humana**. São Paulo: Relógio D’água, 1992.

_____. “Sobre o conceito de história”.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro Grego, Tragédia e Comédia**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. **Aprendendo a Pensar**. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

CERVANTES, Miguel de. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

COSTA, Alexandre. **Heráclito, Fragmentos Contextualizados**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DESCARTES, René. “Meditações” em **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FOGEL, Gilvan. “Da pequena e da grande razão ou a respeito do eu e do próprio”, em **Tempo Brasileiro**, volume 143, Friedrich Nietzsche.

_____. **Conhecer é Criar**. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e As Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANCASTEL, Pierre. **Arte e Técnica nos Séculos XIX e XX**. Lisboa: Edições Livros do Brasil.

FREUD, Sigmund. “A aquisição e o controle do fogo” em **Novas conferências sobre psicanálise e outros trabalhos (Vol XXII)**.

GOETHE, Johan W. **Fausto**. São Paulo: Editora Itatiaia, 1981.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Técnica e Ciência como “Ideologia”**. Lisboa: Edições 70.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da Linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **A Origem da Obra de Arte**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

_____. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Língua de Tradição e Língua Técnica**.

_____. “Que é isto – a Filosofia?” em **Os Pensadores**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

_____. “Que é Metafísica?” em **Os Pensadores**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

_____. **Serenidade**. Editora Neske, 1977.

_____. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. “Sobre a essência da verdade” em **Os Pensadores**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

_____. “Sobre o humanismo” em **Os Pensadores**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

HERÁCLITO. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HÖLDERLIN, Friedrich. **Hipérion ou o heremita na Grécia**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2003.

JAEGER, Werner. **Paidéia a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- JARDIM, Eduardo. **A Duas Vozes (Hanna Arend e Octavio Paz)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- LACAN, Jacques. **O Seminário livro 1 os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- LOUBET, Maria. **Estudos de Estética**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.
- MENDONÇA, Eduardo Prado de. **O mundo precisa de Filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.
- _____. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Circulo do Livro.
- PEARS, David. **As idéias de Wittgenstein**. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.
- PLATÃO. “Crátilo” em **Diálogos**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973, volume IX.
- _____. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- RORTY, Richard. **Essays on Heidegger and Others**. New York: Cambridge University Press, 1991.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Vozes: Petrópolis, 1996.

7

Apêndice**Apropriação: limite, serenidade e memória**

Gostaríamos, por fim, de encaminhar uma provocação. Ao longo desse trabalho, diversas vezes procuramos enfatizar que é preciso pensar a linguagem e a técnica como eventos não submetidos ao controle humano. Isso não quer dizer que a linguagem e a técnica existam sem o homem, mas que não é possível ao homem ver-se livre da linguagem e da técnica. O homem pertence à linguagem e é indispensável ao homem o conhecimento como produção de sentidos, *technè*. Por isso, acreditamos que o (éthos, morada do) homem é uma correspondência produtiva à linguagem e ao que a linguagem resguarda.

A presente provocação não é uma construção de um novo problema, mas uma alternância de foco sobre tudo o que já foi dito. Construimos nosso caminho acompanhando a linguagem e a técnica. Mas como seria construir o mesmo caminho acompanhando o homem?

Em “Carta sobre o humanismo”, Heidegger afirma o seguinte:

O pensar, em *Ser e Tempo*, é contra o humanismo. Mas esta posição não significa que um tal pensar se bandeie para o lado oposto do humano, defendendo o inumano e a desumanidade e degradando a dignidade do homem. Pensa-se contra o humanismo porque ele não instaura a *humanitas* do homem numa posição suficientemente alta²¹².

Retirar do homem o controle sobre a linguagem não é degradar a sua humanidade, do mesmo modo como agora recolocar o homem como foco não será um anseio de restituir sua plena autonomia. Dissemos que a liberdade do homem é um modo de comprometer-se, mas não no sentido de, apaticamente, entregar-se a um martírio ou a um dever frio, mas ater-se ao que verdadeiramente convoca o seu interesse e responder a isso. É somente atendendo a um interesse que o homem poderá encontrar frinchas na prisão do ordinário. Em nossa última

²¹² HEIDEGGER, M., *Carta sobre o Humanismo*, p. 157

provocação, queremos nos aprofundar nas condições de possibilidade para a experiência extraordinária de criação a partir do necessário.

O necessário é o que perdura na diversidade de produções históricas, através de contínuos movimentos de encobrimento e desencobrimento, que se remetem a uma origem comum. Esse movimento não é uma representação ou algo em si, que pelo imaculado conhecimento calculativo possamos atingir. Esse movimento é encontrado na própria necessidade de promover um interesse, e com ele produzir. O interesse quer se nutrir e, para isso, se encaminha para a origem. Quanto mais retorna, mais reconhece seus parentescos e diferenças, porque o interesse de um homem não é domínio dele nem está restrito a ele. E, assim, quanto mais próximo se torna da origem desses parentescos, mais ele próprio se torna origem e mais promove movimento.

Quando se fala em produção do homem fala-se do movimento de interesse – o *inter-esse*, ser entre. O interesse não é autônomo, mas um compromisso que surge da sensibilidade e do *Páthos* (sedução, arrebatamento) e procura intensificá-los.

O que a linguagem e a técnica demandam do homem é o seu interesse. Somente o livre interesse é capaz de reconduzir linguagem e técnica ao que ambas são em essência. Talvez, tomando como foco o humano, linguagem e técnica não sejam nada além de movimento de interesse, tempo e comunhão de interesse, continuamente retornando e se adiantando, se distanciando e se aproximando.

O que será movimento de interesse? Referimo-nos a isso em alguns momentos deste texto, especialmente em nossa leitura de Fausto, como o tornar próprio, a apropriação, porque apropriar-se é comprometer-se com o interesse que nos possui, reunindo-o da origem à produção, do que herdamos ao que se torna responsabilidade. O interesse, o tornar próprio, faz da história de cada homem e da história de todos os homens e suas produções uma só coisa – uma cultura, uma com-partilha. O próprio acontece quando o homem assume sua herança. Impróprio, o homem é alienadamente refém do impessoal – e o impessoal não é nada democrático; é a reprodução em massa de um poder ou de um caminho dominante.

Mérito é elevação, excelência. A essência do homem é a possibilidade do mérito, e o mérito é o que o homem realiza em respeito a sua herança. A posição mais alta do homem, em sua *humanitas*, que podemos com nosso caminho

perceber, é o interesse, como movimento de apropriação. Pelo movimento criador, todo homem é agente de uma revolução. Para isso, contudo, é necessário enfrentar uma experiência rara através de três elementos. Acreditamos que o pensamento de Heidegger que pretende atingir a mais alta posição do homem articula esses três elementos. Identificamo-los como: limite, serenidade e memória. É no jogo entre esses três elementos que se abre a possibilidade do próprio.

Limite é o elemento mais radicalmente diferenciador entre o homem (para além do humanismo) e o sujeito moderno. Descartes colocou um limite à percepção dos sentidos. Rousseau encontrou, entre a natureza selvagem e a sociedade corrompida, o limite da pureza e da bondade humana. Kant procurou os limites daquilo que o homem é capaz de, seguramente, conhecer. Todavia, não são a esses limites que nos referimos. Referimo-nos ao limite que enceta o inefável, onde conhecer se torna criar; onde a ocupação é, simultaneamente, sem fundamento e necessária – talvez puramente necessária por ser sem fundamento. É a experiência com o limite da utilidade, da segurança, das regras intersubjetivas, que coloca o homem em sua abertura essencial – onde ele, precisando conquistar a sua existência, encara a vida. O limite, a restrição existencial, é o que desperta a crise, e é na crise que tudo pode ser mais genuíno e pujante. Não se trata mais da busca pela superação das crises, do esclarecimento de todos os mistérios, mas de um reconhecimento dessa presença na criação. E movimento de criação é vida. A experiência com o limite é o espanto (*thaumázzein*), o deslocamento e a abertura do extraordinário. Limite é morte e natura.

A serenidade permite “utilizar os objetos técnicos como eles deveriam ser utilizados, e ao mesmo tempo deixá-los entregues a si como não nos afetando naquilo que nos é mais íntimo e próprio²¹³”. Se por um lado sofremos a enorme pressão de poderes, como o da técnica moderna, sofremos também a pressão dos limites e as cobranças do mistério²¹⁴ – aquilo que acompanhamos com Fausto, Gilgamesh e Nimrod. Por isso, a serenidade é necessária. Serenidade não é indiferença; ao contrário, atua contra o niilismo, dá coragem para comprometer-se. Serenidade é a disposição que, substituindo o anseio de controle e segurança

²¹³ HEIDEGGER, M., *Serenidade*, p. 9

²¹⁴ “Serenidade para com as coisas e abertura para o mistério pertencem-se mutuamente. Elas nos garantem a possibilidade de habitarmos o mundo de um modo completamente diferente. Elas nos prometem um novo solo, um novo terreno, sobre o qual poderemos permanecer e perdurar no mundo da técnica sem sermos colocados em perigo por ele”. HEIDEGGER, M., *Serenidade*, p. 11

que aliena e desespera o homem moderno, dá a ele as condições necessárias para produzir a partir de seus limites e na lida com o mistério.

Memória é “o pensar concentrado da lembrança do que cabe pensar, é a fonte da poesia²¹⁵”, da technè. Memória é o acesso do homem à linguagem. Memória, acreditamos, é o que o homem encontra no mundo e nos outros para além do impessoal. Memória é o que se herda e aquilo a partir do que e em vista do que, interessado e comprometido, o homem produz. É isso que encontramos, ainda nas palavras de Heidegger: “O poeitar funda-se no pensar da lembrança²¹⁶”. A memória é a própria relação entre os homens – quando os homens são outros para dialogar ou quando vêm ampliar nossos horizontes. A memória é a matéria que se utiliza para a construção. Memória é a história que se impõe e não aquela que se conta, o destino, a gênese do necessário e, sobretudo, a fonte de misteriosas possibilidades vindouras²¹⁷.

Limite, serenidade e memória são os três elementos que estão em jogo na possibilidade do próprio, pois dizem respeito à experiência com a crise, à disposição necessária para lidar com a crise e àquilo que oferece subsídios para enfrentá-la. A crise é o ponto de partida para a recuperação das essências da linguagem e da técnica, onde o homem é desafiado a produzir em resposta aos tesouros que herda.

²¹⁵ HEIDEGGER, M., *Ensaio e Conferências*, p. 118

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ “Ater significa: cuidar, guardar. O que nos atém ao modo próprio de ser aí nos atém somente à medida que nós, a partir de nós mesmos, guardamos isso que nos atém. Nós o guardamos, se nós não o deixamos fugir da memória. A memória é a concentração do pensamento. Em relação a quê? Em relação a isso que nos atém ao modo próprio de ser, à medida que, ao mesmo tempo, o pensamos cuidadosamente junto de nós. Em que medida isso que nos atém precisa ser cuidadosamente pensado? À medida que, por si mesmo, é o que cabe pensar cuidadosamente. Se isso é assim pensado, então é presenteado com o pensar da lembrança. Ibid., p.